



## **Golpe civil militar em Mato Grosso: o discurso comunista no sul de Mato Grosso**

Suzana Arakaki- UEMS/Fundect

Este trabalho tem por objetivo apresentar resultados de pesquisa de doutorado, defendido em 2015, cujo objeto da pesquisa foi o golpe civil militar no sul do estado de Mato Grosso. Um estado fora do eixo dos principais acontecimentos que culminaram com a ditadura militar que durou 21 anos. Trata-se de continuidade da pesquisa de mestrado e, nos dois casos, verificou-se forte aversão ao comunismo entre a população do estado. Mesmo uma região afastada, o sul do estado de Mato Grosso vivenciou os acontecimentos verificados nas demais regiões do país, como a disseminação do anticomunismo e a necessidade de combater os comunistas. Com a influência da imprensa estadual, foi grande a caça aos comunistas no estado durante o período pré e pós-golpe de estado de 1964. Este trabalho apresenta fatos sobre as perseguições aos integrantes do Partido Comunista e aos seus simpatizantes no início do século XX bem como as perseguições aos trabalhadores rurais e urbanos no período pré e pós o golpe militar de 1964. Neste período as lutas dos estudantes e trabalhadores brasileiros foram seguidamente confundidas com ações subversivas. E também por isso, foram intensamente combatidas pelas forças conservadoras, que se organizaram para este fim. O discurso anticomunista no sul do estado de Mato Grosso remonta o início do século XX com a criação do partido no estado e, principalmente com a implantação de unidades do Exército Brasileiro, cuja principal função foi de resguardar as fronteiras fossem elas físicas ou ideológicas. Área fronteira profundamente militarizada sob o comando da 9ª Região Militar de Campo Grande, o sul do estado viveu sob constante vigilância.

Após a passagem da Coluna Prestes pelo sul do estado com breve parada nas terras dominadas pela Mate Laranjeira, foi na década de 30 que se deu outro movimento “comunista” protagonizado pela companhia ervateira, que alegou uma revolução comunista em suas terras e, com o apoio do Exército Brasileiro, desalojou o herdeiro de um antigo morador com quem a própria Mate Laranjeira havia negociado a permanência nas terras.

O combate ao comunismo foi constante na década de 60 até o golpe civil militar de 1964, quando pessoas, notadamente trabalhadores foram vítimas de perseguições e vigilância.

Palavras chave: História. Comunismo. Fronteiras. Golpe de 1964.

### Introdução

O discurso anticomunista no sul do estado de Mato Grosso remonta ao início do século XX com criação do partido comunista no estado e, principalmente com a implantação de unidades do Exército Brasileiro, cuja principal função foi de resguardar as fronteiras fossem elas físicas ou ideológicas. Área fronteira profundamente



militarizada sob o comando da 9ª Região Militar de Campo Grande, o sul do estado viveu sob constante vigilância.

A abertura de estradas de ferro no início do século XX e a abertura de novas fronteiras agrícolas favoreceram a vinda de trabalhadores estrangeiros bem como intensa mobilização interna de trabalhadores brasileiros, principalmente do nordeste, atraídos pelas promessas de terra e trabalho.

O sul do estado de Mato Grosso uno faz divisa com o Paraguai e Bolívia e pode-se considerar muito próximo da Argentina, uma vez a distância entre a cidade sul-mato-grossense de Mundo Novo dista cerca de 250 km da cidade argentina de Puerto Iguazú.

Integração e Segurança Nacional foram elementos vitais na política varguista durante o Estado Novo (1937-1945) e, no caso de Mato Grosso, as políticas de ocupação territorial foram amplamente utilizadas para desarticular as oligarquias locais e minar o poder da Companhia Mate Laranjeira, um entrave na economia do estado e que ameaçava a soberania nacional. A Mate Laranjeira estabeleceu-se na região sul do estado logo após a guerra da Tríplice Aliança, com o objetivo de explorar os ervais da região, obtendo as terras sob regime de comodato.

A historiadora Marisa Bittar considera que a *via prussiana*, modelo de modernização conservadora utilizada por Vargas visava consolidar-se cada vez mais no poder, sempre ajudado pelos mecanismos centralizadores que esvaziavam o regionalismo e favoreciam a desarticulação do poder oligárquico (BITTAR: 1997, 185). Foi com este intuito que Vargas criou, durante o Estado Novo, os territórios federais de Iguazu e o de Ponta Porã, duas regiões sob influência da Mate Laranjeira que, após a criação dos territórios federais, tiveram diminuída sua área de influência.

A política varguista de desenvolvimento da região centro oeste, propiciou a abertura de duas grandes frentes colonizadoras quando criou a Colônia Agrícola de Rondonópolis no norte do estado e a Colônia Agrícola Nacional de Dourados, no sul do estado. Vargas executou, na década de 40 do século XX, o projeto *Marcha para o Oeste* idealizado no início do século por especialistas em geopolítica, com objetivo de ocupar a fronteira oeste, desenvolver e interligar a região aos grandes centros produtivos. Logo após a criação das colônias agrícolas, os territórios federais foram extintos.

### **Uma revolução comunista nas terras da Mate Laranjeira:**



O perigo comunista começou a ser difundido no estado após a revolução russa em 1917 e de todo episódio russo disseminaram-se no estado, apenas as ideias de perda da liberdade e da propriedade privada, principalmente a terra. Também a passagem da Coluna Prestes na região, em 1924, serviu para reavivar o perigo das revoluções, palavra banalizada pelas constantes ações armadas das oligarquias locais. A tomada de poder de um grupo oligárquico pelo outro era chamada de revolução, assim, banalizou-se o termo.

O episódio da revolução comunista nas terras da Mate Laranjeira envolveu a família Ortt, que desde 1904 ocupava uma área de terras devolutas, nas proximidades da cidade de Ponta Porã. Interessada na área, a Mate Laranjeira negociou a área, trocando-a por outra, às margens do rio Paraná.

Após a morte do patriarca Ortt, a propriedade passou ao seu filho João Ortt e foi quando a Mate Laranjeira tentou retomar a área para si quase 30 anos depois. João Ortt o filho, descrente na justiça resolveu lutar contra a Mate Laranjeira e, com a ajuda de amigos e vizinhos planejou ocupar Campanário, a sede da Mate Laranjeira.

Mas os vizinhos e amigos lhe faltaram, as adesões e as armas prometida, não se materializaram. Para combater João Ortt, a Mate Laranjeira denunciou uma revolução comunista em suas terras e requisitou e obteve ajuda do Exército Brasileiro. Coube ao major Bertoldo Klinger, sediado em Campo Grande, a tarefa de combater os comunistas na fronteira. Ortt exilou-se no Paraguai, de onde recebia notícias sobre as mortes trágicas de seus companheiros, torturados para confessarem onde se achavam os outros comunistas (PUIGARI: 1933, 114).

### **ADEMAT: caçadores de comunistas em Mato Grosso**

No sul de Mato Grosso, o grupo de pressão a serviço do complexo IPES/IBAD foi formado por pessoas ligadas às classes de empresários e de produtores rurais. Formado no início da década de 60, logo após o golpe de 64, membros da ADEMAT puseram-se no encalço dos supostos comunistas e subversivos. Os alvos principais foram os petebistas, comunistas e líderes dos trabalhadores, geralmente ligados a um desses partidos.



O grupo de pressão Ação Democrática de Mato Grosso –ADEMAT - grupo formado por civis de combate ao movimento que denominavam de *comunizante*, nasceu a partir do mesmo grupo formado no Congresso Nacional. Segundo *A Revista Brasil Oeste* registra que faziam parte desse grupo, de extrema direita: Claudio Frageli, Agostinho Bacha, Rodolfo Andrade Pinho, Alcindo de Figueiredo, Vicente Oliva, Oswaldo Bucker, Itálvio Coelho, Assis Brasil Correa, Ludio Coelho, João Rocha, Roberto Spengler, Cândido Rondon, Arlindo Sampaio Jorge, Anísio de Barros, Irmão Bello, Daniel Reis, Ladislau Marcondes, Cícero de Castro Faria, Munier Bacha, Antonio Lopes Lima, Armando Barbosa, Annes Salin Saad, José Ferreira, Eduardo Metello, José Candido de Paula e Coronel Câmara Sena, todos mato-grossenses.

Eram pessoas ligadas, na sua grande maioria, ao setor agropecuário do estado. Pessoas com propriedades rurais ou profissionais liberais. Segundo Oliveira, pessoas sem sentimentos, algumas sentiam prazer a triste missão de delatar, humilhar as pessoas que, por alguma razão, pensavam diferente deles (OLIVEIRA: 2013).

A ADEMAT manifestava-se abertamente pela propagação dos valores democráticos pregados pelo complexo IPES/IBAD. Utilizava-se constantemente do jornal *CORREIO DO ESTADO* para disseminar suas ideias, e até mesmo, ameaças.

### **Golpe no sul de Mato Grosso: perseguição e resistência**

No estado de Mato Grosso, logo após a posse de Raineri Mazzili na presidência da República, as ações se voltaram contra petebistas, comunistas e não simpatizantes do golpe. Segundo o relatório do comandante da 9ª Região Militar, sediada em Campo Grande, ao Diretor do DOPS de São Paulo, foram abertos inúmeros Inquéritos Policiais Militares naquela unidade do Exército.

Até a data de 29 de setembro de 1964, tendo em vista não ter sido localizado outro documento que indicasse a existência de mais inquéritos, o que possivelmente existia, em função da edição do Ato Institucional nº 5, foi de 140 o número de indiciamentos no estado de Mato Grosso.

Muitas pessoas foram denunciadas e até mesmo levadas à prisão por civis, como membros da ADEMAT e pessoas da cidade, comprometidas com entidades de defesa da pátria brasileira contra o avanço comunista. Em todo Brasil proliferaram associações



com esse fim, barrar qualquer possibilidade de avanço comunista que se acreditavam estar em curso sob a direção do presidente deposto João Goulart. Após a deposição do presidente, teve início a caça aos comunistas por todo Brasil.

As prerrogativas previstas no Ato Institucional Nº 1 desencadearam uma onda de perseguições e prisões pelo país. Auxiliados por civis, policiais civis e militares, principalmente do Exército Brasileiro, civis lançaram-se na busca e prisão de pessoas que se enquadravam nas condições estabelecidas pelo Ato, ou seja, pessoas contrárias ao novo governo. Subversivos ou comunistas, como eram denominadas as pessoas que não apoiavam o golpe.

Pelo país houve perseguições e prisões arbitrárias, principalmente de pessoas ligadas a partidos, associações ou entidades como a União Nacional dos Estudantes, a UNE. A exemplo, tem-se a prisão do estudante mato-grossense Ricardo Brandão.

Estudante do curso de direito na cidade do Rio de Janeiro, Ricardo Brandão foi preso em Mato Grosso e conduzido para o Rio de Janeiro, onde permaneceu preso de maio de 1964 a 1967, segundo sua viúva, Olga Brandão.

Olga Brandão lembra, também, que o marido foi preso por oficiais do Exército, pela primeira vez, na Praça Ari Coelho, na cidade de Campo Grande. Ficou semi nu numa cela e acabou adoecendo. Gripe, tosse e, por fim uma tuberculose, ele só não morreu de tuberculose porque foi socorrido por um outro preso, o médico Alberto Neder, preso na cela vizinha sob a mesma acusação, subversão e comunismo. Ricardo Brandão permaneceu alguns meses na prisão em Campo Grande e depois foi mandado para Guanabara, por pertencer ao Partido Comunista, por ser um líder estudantil e ativista assumido contra o que estava acontecendo no país.

Ricardo Brandão foi recebido no aeroporto Santos Dumont por oficiais do Exército e permaneceu preso no DOPS. Pelo seu prontuário, localizado no Arquivo Público do Rio de Janeiro, passou ainda pela Marinha, cuja presença foi requisitada pelo Centro de Informações da Marinha – CENIMAR.

Seu depoimento, prestado ao delegado Denizar Corrêa Pinheiro, no DOPS, revela o passado atuante do estudante mato-grossense Ricardo Brandão, preso aos 21 anos de idade. As informações constantes do depoimento tomado, após a devida identificação do preso, iniciam-se com relatos de suas atividades estudantis desde o



curso ginásial, atual ensino fundamental, na cidade de Campo Grande e na cidade de Três Lagoas, também no estado de Mato Grosso.

Na UNE, segundo sua viúva, Ricardo Brandão exercia atividades jornalísticas: junto ao jornal “O MOVIMENTO”, também órgão da classe e de circulação interna; que, ainda neste último jornal, a atividade do declarante foi unicamente artística e apolítica.

Durante o interrogatório, a vida de Brandão começa a ficar complicada com o questionamento sobre uma carta que ele enviou para Campo Grande a uma pessoa chamada Vasco, em 3 de abril de 1963.

Brandão esclarece que se trata da pessoa de Jose Roberto de Vasconcelos, jornalista e redator do jornal *Democrata*, seu amigo desde 1957. Vasco foi vereador na cidade de Campo Grande, pela UDN. Nessa época, Brandão conversava com frequência com Vasco, geralmente sobre política do MT, considerando a atuação de Vasco como vereador da cidade. Vasco ainda lhe mandava exemplares do jornal *Democrata*, *Correio do Estado* e *O Matogrossense*. Através desses jornais Brandão se inteirava sobre os acontecimentos do seu estado.

A tal carta, cujo teor não se sabe como, era do conhecimento do delegado inquisidor, que afirmou ainda que Brandão se posicionava, contra o Instituto Brasileiro de Ação Democrática, o IBAD.

A carta, objeto da inquirição, também menciona Ligas Camponesas, o que foi esclarecido por Brandão ao dizer que no MT não existiam Ligas Camponesas, assumindo o erro de expressão na carta que escrevera. Na verdade, Brandão queria saber notícias do estado para escrever uma reportagem para o jornal *Correio da Manhã*.

Brandão ainda teve de explicar o desejo de pressionar o governo de MT, manifestado na carta. Disse que havia necessidade de mudanças na administração de Mato Grosso, visto ser este um estado governado pelas famílias Correia da Costa e Ponce.

Não faz parte do dossiê Ricardo Brandão, qualquer menção sobre a sua liberação do DOPS, bem como não consta seu depoimento ao CENIMAR, no entanto, segundo dona Olga Bandão, ele permaneceu preso até 1967. O período longo da prisão faz ensejar a existência de algum processo, provavelmente um Inquérito Policial Militar, comum no período. Mas não existe qualquer anotação.





Cumprindo as determinações do AI-1, autoridades prendiam qualquer pessoa que pudesse significar perigo. É o caso do ex- deputado Sergio Cruz, em 1964, preso em Cuiabá logo após o golpe, por puro acaso, afirmou ele.

O ex-deputado Sergio Cruz, pernambucano mudou-se para o Mato Grosso em 1960 e veio diretamente para a região de Dourados, estabelecendo-se em Vicentina, região da Colônia Agrícola de Dourados, a CAND. Começou a trabalhar na Rádio Clube de Dourados como radialista

Na condição de radialista na extinta Rádio Clube de Dourados, lembra que a emissora recebia “acetatos grandes, com lado A e lado B”, que eram discos de vinil, material levado à emissora por pessoas ligadas ao IBAD, para divulgação. O material continha matérias alertando sobre o perigo comunista e contra o governo de João Goulart, que representava um perigo contra a liberdade. Alguém levava os discos, pagava adiantado pelas divulgações.

### **Organizações sindicais: resistências e prisões**

Os membros das associações e sindicatos do sul de Mato Grosso militavam nos partidos de esquerda, bem como se engajavam nas suas agremiações secundárias, como a Aliança Libertadora Nacional- ALN, criada em 1934. Nesse período faziam parte da ALN de Campo Grande trabalhadores da construção civil, panificação, hotelaria, alfaiates e ferroviários (SILVA: 20015, 81)

Silva observa que a chegada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil trouxe grande leva de trabalhadores de várias partes do país, bem como do exterior. As condições de construção da estrada de ferro eram precaríssimas e eles reagiram reivindicando melhores condições de trabalho em diversas ocasiões.

No período pré-golpe, os sindicatos estavam todos alertas, engajados na luta pelas Reformas de Base propostas por João Goulart. Pelo menos uma entidade se sobressaiu, manifestando-se contra a elite política local. Uma única e corajosa nota contra as ações da ADEMAT, publicada no jornal *Correio do Estado*, aponta para a resistência dos trabalhadores em Campo Grande, uma das principais cidades do estado de Mato Grosso. A nota, publicada na primeira página, mereceu o destaque “a pedido”, registro que não ocorria com as demais publicações da ADEMAT.



Esta nota, publicada no dia 7 de outubro de 1963, foi emitida pelo Sindicato da Construção Civil e do Mobiliário de Campo Grande e assinada pelo seu presidente, Durvalino Pereira de Barros. Dirigida aos trabalhadores assim como à população em geral, a nota apoia várias entidades sindicais em nível nacional, entre elas, o Comando Geral dos Trabalhadores, a CGT, a União Nacional de Estudantes Secundaristas, Movimento Nacional dos Sargentos e à Frente Parlamentar Nacionalista.

A ousadia corajosa da nota foi um protesto contra as ações do IBAD, pessoas apátridas, segundo os sindicalistas, inimigas do povo.

Nota-se a profunda interligação dos trabalhadores em nível nacional e a política. Não lhes passavam despercebido o clima de tensão vivenciado por todo país. A nota ainda repudia a ingerência dos governadores da Guanabara e de São Paulo.

Nos seus estudos sobre este sindicato, a historiadora Alisolete Weingartner observa que os trabalhadores do sindicato se comunicavam com o Comando Geral dos Trabalhadores e mantinham-se informados sobre os acontecimentos nacionais. Liam jornais e escutavam rádio, esperando e temendo notícias. Os trabalhadores eram politizados, a maioria pertencia aos quadros do PTB ou PCB. Após o golpe de 1964, o sindicato sofreu intervenção.

Este sindicato, que tinha, no seu quadro de dirigentes, trabalhadores altamente politizados foi alvo fácil do Exército por ocasião do golpe de 64. Oficiais do Exército ocuparam o sindicato, prendendo quem lá estivesse, dentre eles, Durvalino, aquele que assinou a nota contra o IBAD e a ADEMAT. Naqueles dias de muita tensão, os trabalhadores e dirigentes ficavam de vigília na sede do sindicato ante a possibilidade de João Goulart resistir contra o golpe iminente. Ezequiel Ferreira Lima, membro do sindicato e também do PCB, foi preso no dia 2 de abril de 1964 tendo sido decretada a intervenção do sindicato pelo Ministério do Trabalho, agora já sob domínio do governo militar.

Após as intervenções, os novos dirigentes trataram de ministrar cursos de formação de novos quadros, alinhados com a nova ordem que se impunha.

#### Referências bibliográficas:

ARAKAKI, S. Dourados: memórias e representações de 1964. Dourados: Editora Uems, 2008.





BITTAR, M. *Mato Grosso do Sul a construção de um estado: regionalismo e divisionismo no sul de Mato Grosso*. Campo Grande MS: editora UFMS, 2009.

CORDEIRO, J. M.. *Direitas em Movimento*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

DREIFUSS, R. A. *1964 a conquista do estado: ação política e golpe de classe*. Petrópolis RJ: Vozes, 2006

LEITE, E. F.. *Aquidauana: a baioneta, a toga e a utopia nos entremeios de uma pretensa revolução*. Dourados Ms: Editora UFGD, 2009.

NEVES, Maria Manuela Renha de Novis. *Relatos políticos: entrevistas, memória divisionista – MT*). Rio de Janeiro RJ: Mariela Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. *Leões e raposas na política de Mato Grosso: resgate da memória política de mato grosso*. Rio de Janeiro RJ: Mariela Editora, 2001.

SILVA, Eronildo Barbosa da. *Sindicalismo no sul de Mato Grosso 1920-1980*. Campo Grande MS: Editora Uniderp, 2005.

SZATKOSKI, Elenice. *Os grupos dos onze: uma insurreição reprimida*. Passo Fundo: UFPF, 2003.